

CULTURA VISUAL NA ESCOLA: UM DEBATE SOBRE IMAGEM, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

RODRIGUES, LUCIANA COZZA¹; MEIRA, MIRELA RIBEIRO²

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o recorte de uma pesquisa de mestrado junto ao Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, Mestrado, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, RS. O estudo, em fase inicial, discute Arte e Cultura Visual em uma escola da rede pública municipal de Rio Grande, RS, focado na influência das imagens no cotidiano escolar. Minha prática como docentes de arte em escolas tem percebido que a maioria dos alunos, além de reproduzir imagens copiando modelos estereotipados, as consome sem saber ou questionar seu significado ou *veracidade*, sem produzir sentido ou mesmo compreendê-las. Inquietada com esse processo, resolvi pesquisar o cotidiano de um grupo de cerca de 50 jovens de 7º e 8º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 12 e 17 anos, durante o 2º semestre de 2016 e o 1º de 2017.

Como a investigação está em fase inicial, ainda não há resultados para colocar em discussão. Espero como resultados, todavia, que esse grupo pesquisado, reflita, através das imagens retratadas, sobre seus costumes, percepções, modos de ver, sentir, consumir. Não objetivamos chegar a conclusões deterministas e de causa e efeito lineares, mas que a pesquisa cause, no mínimo, um estranhamento àqueles que dela participam, transformando seus olhares e práticas frente às imagens que consomem. Desejo que, no final da pesquisa, o grupo envolvido repense sobre as imagens consumidas, bem como a forma como isso se dá dentro da sociedade em que vivemos.

METODOLOGIA

A pesquisa, qualitativa, é um estudo de caso que utilizará distintos métodos de coleta de dados, como: observações de contexto; questionamentos orais; depoimentos escritos; captura de imagens; reflexões sobre o trabalho realizado; narrativas imagéticas dos alunos sobre imagens cotidianas, entre outros. Ancora-se na A/r/tografia, corrente investigativa que mescla registros e opera na confluência do pesquisador, do artista e do professor, admitindo sua produção poética. Provê uma forma ainda *alternativa* de registrar entendimentos e saberes sensíveis mesclando textos e imagens (DIAS, 2016).

O campo empírico de coleta de dados imagéticos acontecerá através de uma categoria metodológica denominada de Oficinas de Criação Coletiva (MEIRA, 2001; 2007), com encontros semanais dos alunos, de aproximadamente duas horas, no total de dez, para que colham e discutam as imagens de seus cotidianos, e a partir da reflexão sobre os processos experienciados, as transformem em saberes, a partir da (re)criação. As Oficinas não designam somente um espaço de *atelier* de arte, mas sim conjugam um *modus operandi* que pode ser transposto a diferentes situações, espaços e propostas. Aposto na

¹ Universidade Federal de Pelotas- UFPel – lucozzar@gmail.com

² Orientadora. Universidade Federal de Pelotas – UFPel - mirelameira@gmail.com

transformação da convivência, em uma nova ética – a de experimentar a arte nos corpos – e em uma estética, de qualificação da sensibilidade, reconhecendo na arte seu potencial pedagógico e operando através dela.

As oficinas terão como base a estimulação dos sentidos e a educação do olhar, olhar esse que não se restringe, todavia, à visão, mas à transformação dos participantes de um modo global. Atividades sensoriais com sons, tato, paladar, olfato, visão se miscigenam para dar conta da percepção/(inter)relação com imagens, objetos e artefatos da Cultura Visual presentes no cotidiano desses alunos. Como, por exemplo, tomar consciência e discutir o gosto de determinado refrigerante, ou o som de uma rede de televisão conhecida. As atividades serão documentadas também pelos próprios alunos, através da fotografia e do vídeo, registros que servirão como base para a problematização e a reflexão do grupo de estudantes envolvidos.

Embora as imagens possam ser fixas ou móveis, no contexto dessa reflexão trato apenas das fixas como a fotografia, utilizando como orientação, de um lado, o entendimento proposto por Roland Barthes (1990, p. 27-8) no que concerne à imagem como representação, especialmente a imagem publicitária: uma imagem que está sempre carregada, intencionalmente, de sentidos *francos* e *enfáticos*. De outro lado, as imagens serão tratadas para além da representação, através de seu desmantelamento e ressignificação, como metafóricas, ambíguas, obtusas, sem limites precisos entre *realidade* e *ficção*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas sociedades capitalistas, uniformizadas pela rede de comunicação global que estimula o consumo em todos os níveis para sua constância, as imagens exercem um papel fundamental, razão pela qual essa pesquisa se dispõe a refletir sobre como e de que forma nossos jovens absorvem esse mundo imagético. A escola resvala em terreno movediço, ainda incapaz de lidar com a complexidade das artes e da imagem, inábil para lidar com realidades virtuais, interpretações ficcionais, novos modelos identitários e de conduta. Como decorrência, muitos professores ainda se apoiam no conforto da razão e na verbalização, ao invés da visualização e da *imajação*. Escapar dessa armadilha incorreria em experienciar processos criadores, garimpar e editar imagens, pensar sobre sua ação e reação conosco e umas sobre as outras. Uma necessária educação estético-artística poderia criar uma *visibilidade despoluída*, *emancipada* da tradição moderna, atento ao legado estético de obras, escritos e eventos que hoje a Cultura Visual disponibiliza em larga escala.

Baseado em que a vida das pessoas, nesse caso, os alunos, se caracteriza pela saturação de imagens, Hernández (2007, p. 59) defende a ideia de *múltiplos alfabetismos*. Considerando que a comunicação “[...] se constitui por meio de novos textos e meios visuais, sonoros, mímicos e por multimídias” percebemos o quanto necessário é “[...] preparar nossos discentes para esse mundo globalizado em que imagens chegam a todo instante pelos mais diferentes meios de comunicação”.

Em relação a isso é importante salientar que a criança olha e vê antes de falar (BERGER, 1987), o que nos leva a concluir que temos que alfabetizar também para a linguagem visual, (re)ensinar a olhar, a ver, já que o nosso momento histórico é considerado imagético. O ensino de arte é fundamental para a provocação desse novo olhar, pois ajuda a (re)significar o mundo e a existência, iluminando e desvelando aspectos não plenamente acessíveis ao conhecimento inteligível (DUARTE JÚNIOR, 2004).

O papel da Escola seria o de contribuir para que os estudantes possam ter um olhar crítico sobre o contexto sócio-histórico em que vivem, e nele as Artes têm um papel fundamental, podendo despertar esse olhar para acontecimentos, fortalecer identificações, a solidariedade, ampliar a visão de mundo, pelo contato com a produção de arte de diversos lugares do mundo. Mas não só, a arte também pode ser um espaço de expressão e, ainda, articular-se a outras áreas do conhecimento.

Tenho observado em práticas escolares que nas produções visuais realizadas pelos alunos há a tendência de copiar ou reproduzir imagens advindas da mídia, seja em trabalhos realizados em outras disciplinas ou nas aulas de arte, onde supostamente se deveria priorizar a criação e a experiência estética. Trabalhos como cartazes, ilustrações, gravuras e esculturas viram reproduções de imagens veiculadas comercialmente, e dessa forma interferem diretamente na “criação” desse grupo de alunos.³ Além disso, o comportamento de consumo dos grupos é definido claramente pela mídia e pelas imagens que nela interpelam. Suas escolhas e gostos pessoais são determinados pelas imagens repetidamente impostas pela mídia, (BASSO, 2001). Em alguma medida, somos aquilo que consumimos, e assim as imagens também acabam por construir/fortalecer/desconstruir identificações, individuais e coletivas, incidindo de forma ímpar na subjetividade.

Na medida em que nossos alunos têm como possibilidade somente a reprodução, é inevitável que consumam com mais naturalidade as imagens/mensagens apresentadas pela mídia, aquelas prontas. Torna-se, assim, a escola um lugar de mera reprodução, onde o aluno apenas reproduz imagens convencionadas, estereotipadas, pobres, sem criação.



Trabalho de M.A., Rio Grande, RS. 2016. Acervo da autora

Como nossas escolas estão imersas nesse mundo imagético, é tarefa quase impossível desassociar escola x aluno x sociedade, já que essa última oferece um universo infindável de imagens, em geral mais interessantes para os estudantes. A esse respeito manifesta-se Meira (1999, p. 132) ao assinalar que “[...] diante de um grande número de ofertas visuais, performáticas e espetaculares na sociedade, a escola encontra-se em desvantagem”, pois o que antes era auxiliar nas aulas, como a comunicação corporal do professor, ou sua retórica, já não convencem. O mundo da escola assim passa a ser “[...] um mundo cinza, parado e passivo.

³ Em “Mídia, Imaginário de consumo e Educação”, Paola Basso discute os estereótipos visuais propagados na cultura de consumo.

As imagens na escola são manipuladas como se fossem neutras e inofensivas, além de mal aproveitadas em termos de possibilidade educativa". Além do que, o professor se vê "[...] despreparado para desempenhos comunicativos e expressivos ao nível do desafio do ensino e das crianças atuais, não se prepara o professor, sobretudo, para dialogar com o mundo através de um universo imaginal".

4. CONCLUSÕES

Enfim, esse artigo traz como objetivo da investigação aqui nomeada problematizar a imagem, a Cultura Visual e a arte como processo pedagógico que exige escolhas e uma visão de arte e de educação, porque nossas práticas refletem nossa visão.

Convida a estar atentos para não cair nas armadilhas da reprodução, do consumo, da superficialidade de métodos, processos técnicas tidos como "ensino de arte". Porque a instauração de uma metodologia criadora é única, individual, aplicável a cada situação, e nisso, a sensibilidade e o conhecimento do professor contam para regular os tempos, os conteúdos, as formas de propor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *Óbvio e obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- DIAS, Belidson, *Preliminares: A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes*. Disponível em <<http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/belidson.pdf>>. Acesso: 27 de maio de 2016.
- HERNANDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996.
- MEIRA, Marly. *Educação Estética, Arte e Cultura no Cotidiano*. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). *A Educação do Olhar*. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- _____. *Filosofia da Criação*. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- MEIRA, Mirela R. (2007) *Metamorfoses Pedagógicas do Sensível e suas Possibilidades em "Oficinas de Criação Coletiva"*. 157f. Tese. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- _____.; MEIRA, Marly R. *Metamorfoses, Reverberações, Interfaces: Cultura Visual, Arte e Ação Educativa*. In: MARTINS, Raimundo; MARTINS, Alice (orgs). *Cultura Visual e Ensino de Arte: concepções e Práticas em Diálogo*. Pelotas: Editora UFPel, 2014.
- ROSSI, Maria Helena Wagner. *Imagens que Falam*. Porto Alegre: Mediação, 2009.